

RESENHA

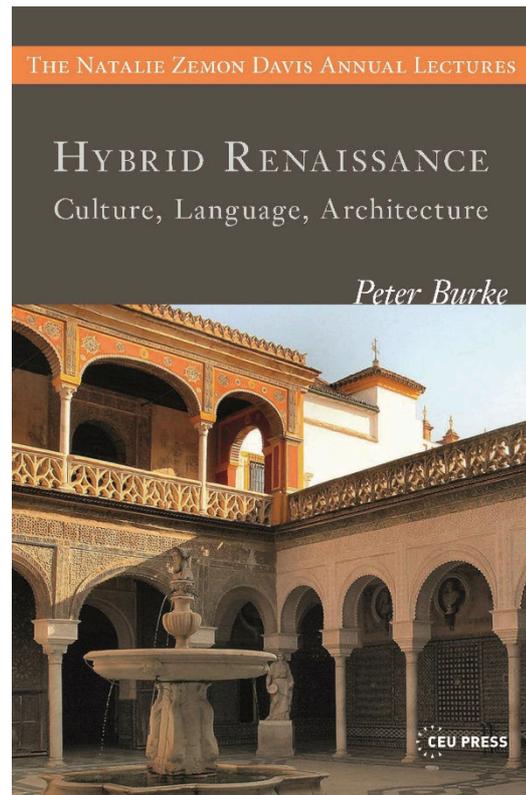
BURKE, Peter. *Hybrid Renaissance: culture, language, architecture*. Budapest, New York: Central European University Press, 2016. 271p.

Renascimento híbrido: cultura, língua e arquitetura, de Peter Burke

FELIPE FREITAS DE SOUZA *

Este livro é resultado de uma série de aulas em 2013, na *Central European University* (Budapeste), focando o Renascimento enquanto um longo processo de hibridização cultural. Nos exemplos para além da Europa, são citados os críticos pós-coloniais: afinal, fora da Europa e em suas colônias que o processo de hibridização se manifestaria mais claramente. Um viés possível para compreender-se o Renascimento estaria na investigação dos processos de trocas culturais.

Burke amplia suas noções de hibridização indicando a possibilidade de hibridizações residuais, reativas e não-intencionais, especificando os usos dos termos tradução cultural e sincretismo de modo ímpar frente suas obras prévias. Se a ideia de hibridização cultural pode ser criticada pela suposição de que encontraríamos hibridizações culturais em qualquer dimensão observada, o autor indica que deve-se pensar em sentidos centrais e periféricos do processo, de maior ou menor hibridização, em diferentes momentos e domínios e com diferentes conteúdos a agentes. O autor aprofunda o conceito de tradução cultural na



proposição do hibridismo cultural enquanto prática no Renascimento: o mito de sua “origem pura” é demolido.

Em *A Ideia de Hibridismo*, indica-se que as discussões sobre hibridização cultural são respostas às questões como globalização, migrações e multiculturalismo. Edward Said, Néstor Canclini, Homi Bhabha, Fernando Ortiz e Gilberto Freyre são mobilizados para o entendimento do hibridismo cultural a nível local. Mais que coexistência, haveria intensa interação cultural. É nesse capítulo que Burke aborda o ecótipo (*ecotype*) enquanto variante local de uma tradição externa, como o dialeto de uma língua. O conceito de tradução cultural é ampliado: ela seria uma ação mais consciente dos agentes sociais enquanto a hibridização seria um processo relativamente mais inconsciente. Os encontros culturais, a apropriação de “fragmentos culturais” e a integração desses fragmentos à cultura-destino são exemplificados. O autor chega mesmo a citar pessoas

híbridas, mediadoras entre culturas, como diplomatas, mercadores e tradutores.

Em *A Geografia do Hibridismo*, o autor indica espaços nos quais a hibridização é privilegiada: cortes, cidades multiculturais (principalmente capitais ou portuárias) e fronteiras. As fronteiras entre mundos cristão e muçulmano e o oceano entre a Europa e as Américas são mais do que divisões: são espaços de trânsitos e fluxos. O próprio livro poderia ser descrito enquanto uma narrativa sobre fronteiras que não são somente bordas e limites, mas são prática e potencialmente territórios intermediários e zonas de contato.

Em *Traduzindo a Arquitetura* analisam-se exemplos arquitetônicos europeus e americanos. A hibridização de estilos visível em Veneza, por exemplo, se deveria tanto a demora em terminar um edifício quanto ao trânsito de uma obra para outra de artistas e trabalhadores (com a presença de sujeitos detentores de diferentes repertórios). Além disso, temos a cristalização de estilos: mesmo após a expulsão dos muçulmanos e judeus da Espanha em 1492, os estilos clássico, islâmico e gótico continuaram se mesclando. Já nas Américas, um exemplo como a catedral de Cuzco de 1559, utilizando-se das ruínas do templo do deus-sol Viracocha, expressa a imposição aos e a assimilação, pelos ameríndios, do Renascimento.

Já em *Artes Híbridas*, o grotesco renascentista (invocando os monstros medievais) e os arabescos (a assimilação de elementos estilísticos árabes) serão exemplos de hibridização, bem como as relações entre os estilos clássicos e o gótico. A exportação de modelos europeus para o mundo é apontada em suas relações e imposições. O autor indica que as principais contribuições artísticas

provenientes de fora da Europa são advindas do mundo islâmico, indicando que a troca intercontinental no tocante à cultura visual praticamente se restringiu ao repertório muçulmano.

Em *Línguas Híbridas* indica-se que as línguas europeias no Renascimento foram enriquecidas por uma apropriação ostensiva de palavras de outras línguas, culminando em uma poliglossia (termo de Bakhtin). Houve ampla interação e hibridização: palavras árabes, asiáticas, africanas e americanas passaram, maioria pela primeira vez, a fazerem parte das línguas europeias. O vocabulário europeu então ampliado potencializaria outras relações intralinguísticas e culturais. O “latim macarrônico” seria um expoente desse processo, bem como a profusão de palavras árabes no espanhol.

Em *Literaturas Híbridas*, Burke sugere o texto escrito enquanto mídia híbrida. Os gêneros seriam hibridizados: na leitura de Burke, Maquiavel teria “construído um gênero híbrido, parcialmente clássico e parcialmente Gótico.” (p.118) O romance *Dom Quixote* traria elementos árabes em sua narrativa. O latim macarrônico e o grego seriam apropriados pelo francês Rabelais. A teologia islâmica seria apreensível na *Divina Comédia*; São João da Cruz teria se apropriado do sufismo em sua poética mística. Em *Orlando Furioso* teríamos um romance de cavalaria e o deboche de tais romances, ressaltando-se que os estilos, e não somente os conteúdos, eram hibridizados. Destaca-se a hibridização ocorrida no México, ampliando o Renascimento para o Novo Mundo. Por fim, apesar dos conflitos sociais, as interações culturais continuariam sendo exercidas.

Em *Música, Lei e humanismo* a música é definida como arte híbrida. O autor

afirma que a música do período não se enquadrava no Renascimento como as outras artes, além de que não temos amplos registros dessa música. Todavia, alguns dos poucos registros são exemplares: Mozart compõe *Rondo alla Turca*, músicos astecas são levados para a Europa por Hernán Cortés e músicos cubanos fundem estilos locais e europeus. Sobre a Lei, o autor indicará o sincretismo legal entre o direito local e a lei romana. A própria “lei europeia”, resultante de uma série de encontros culturais, é um produto híbrido. Por fim, o dilema do humanismo cristão é colocado: o dilema consiste em realizar uma apropriação seletiva do conhecimento de outros povos, mas mantendo o cristianismo como guia para essa apropriação. O quanto o próprio cristianismo não se teria se constituído nas relações então estabelecidas com outras religiões?

Em *Filosofias Híbridas*, Burke indica a questão da compatibilidade e da incompatibilidade entre o cristianismo e a filosofia grega, o surgimento do neoplatonismo, o redescobrimto de Aristóteles pelos europeus pela leitura de Averróes (Ibn Rushd), bem como a simbiose entre pensamento judaico e as culturas árabes. A Medicina também demonstraria o hibridismo entre culturas. Enfim, o autor indica a textualização do conhecimento com a profusão de obras literárias e científicas.

Traduzindo Deuses é o último capítulo, indicando que é inescapável a vidência de interações entre crenças e práticas no

Renascimento. As ideias de Filosofia Perene, a teologia híbrida de Marsílio Ficino e de Guillaume Postel caracterizariam a procura por uma fonte da sabedoria divina que teria se propagado em todos os povos. Além disso, a Reforma resultaria na interação entre católicos e protestantes. Ainda no cristianismo, a recepção das missões cristãs levaria a uma troca cultural intensa e em hibridismos locais – destaque para o caso brasileiro das *santidades*.

No epílogo *Contra-Hibridização*, o autor indica que o processo de hibridização é consciente ou inconsciente por mais que se oponha a ele. O “retorno às fontes” dos humanistas é discutido, assim como a intolerância religiosa. O Renascimento espanhol é relatado enquanto exemplar de uma tentativa de purificação do hibridismo com o mundo islâmico – o que, paradoxalmente, gerou novos hibridismos. A afirmação final do autor soa uma provocação necessária: “É difícil não se perguntar se os medos conscientes ou inconscientes de mestiçagem não impediram, por muito tempo, a consciência da contribuição da mistura à criatividade e, mais especificamente, à apreciação dos elementos híbridos no Renascimento” (p.205).

Recebido em 2016-12-29
Publicado em 2017-02-05



* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; aluno no Instituto Latino Americano de

Estudos Islâmicos (2016) e membro do Núcleo de Acadêmicos Islâmicos.